

CADMO

Revista do Instituto Oriental
Universidade de Lisboa

13

東方學研究所
東方學研究所

A TERRA SANTA EM RELATOS PORTUGUESES DE VIAGEM (SÉC. XVI-XVII)

Por JOSÉ NUNES CARREIRA

*Professor da Faculdade de Letras
da Universidade de Lisboa (Instituto Oriental)*

Zusammenfassung

Pilgerreisen aus der Westküste der Iberischen Halbinsel ins Heilige Land fanden schon im 4. Jahrhundert statt (Egeria). Im Höhepunkt der portugiesischen Expansion nahm das Interesse, ins Heilige Land zu ziehen, sehr stark zu. Während die einen den alten Weg über Italien und das östliche Mittelmeer weiter benutzten, entdeckten andere, aus Indien nach Portugal zurückkommende, den «neuen Weg» über Persien, Mesopotamien (bzw. Anatolien) und Syrien.

Der Aufsatz untersucht je einen Reisebericht aus jeder der beiden Richtungen: den von Frater Pantaleão de Aveiro, von Venedig aus, und den des aus Indien kommenden D. Álvaro da Costa. Nicht nur die Richtungen sondern auch die geistigen und kulturellen Voraussetzungen lassen sich leicht unterscheiden. Gemeinsam bleibt die Einschätzung des Landes als heiligen und fast *ex opere operato* heilbringenden Raumes, der zum Nachteil der nicht unbemerkten geografischen Gegebenheiten augenfällig in den Vordergrund tritt.

(Página deixada propositadamente em branco)

O nome já diz tudo: a Palestina, com territórios vizinhos e sobretudo o seu coração Jerusalém, não é uma região utópica, imaginária, mas tão-pouco um espaço neutro - é Terra Santa. Foi esta terra nimhada de mistério (não Israel dos roteiros turísticos modernos, nem a Palestina da administração romana e bizantina e menos ainda Canaã da terminologia faraónica e veterotestamentária) que atraiuromeiros curiosos e devotos da faixa ocidental da Península Ibérica pelo menos desde o séc. IV.⁽¹⁾

No auge da Expansão, a Terra Santa continuou meta apetecida de peregrinos lusos. Reis e fidalgos esmeraram-se em marcar presença em Jerusalém, a modo de peregrinação continuada.® Aliando porventura diplomacia e devoção, interesses da coroa, curiosidade e fé, por lá andaram «um homem da casa de Monterio (Pedro de Montarroio) e um frade que se chamava Frei António, natural de Lisboa^{<3>}», a mandado de D. João II. O século XVI viu partir na mesma direcção o cisterciense Frei António Soares de Albergaria (1552-1555), autor do mais antigo e ainda inédito *Itinerario aa Casa Sancta de Jerusalem* em língua portuguesa, o franciscano Frei Pantaleão de Aveiro⁽⁴⁾ (1562-1564) e, a partir da Índia, o cavaleiro da ordem de Cristo António Tenreiro^{15*}, que deixou Lisboa espantada ao chegar por terra da Índia, por volta de 1530. O regresso da Índia deu azo a duas peregrinações de viajantes escritores, nos princípios do século XVII: Frei Gaspar de S. Bernardino⁽⁶⁾ e D. Álvaro da Costa.^{<7>}

Limito-me a analisar as perspectivas destes dois viajantes, não só por não de dispor de espaço para mais como por se ter gorado a peregrinação de António Tenreiro (passou a Palestina sob prisão dos Turcos) e perdido o relato de Frei Gaspar.

I

A Terra Santa de Frei Pantaleão de Aveiro é obviamente um espaço físico bem concreto, aonde se vai arrostando incómodos e perigos da via marítima do Mediterrâneo Oriental. Que «os mares do Levante são muy perigosos»⁽⁸⁾ no Inverno bem o experimentou o frade arribando a Chipre:

«Ao segundo dia depois de sermos tornados á não, se esforçou tanto o vento vendaval, & o mar se começou tanto a empolar, & embravecer, que cuydamos de nos perder naquelle porto. (...) As ondas parecião montanhas, nem se podia andar pela não de hũa parte a outra, por mais cordas, que lançarão para os homens se apegarem: qualquer cousa, que não estava muy bem leada andava marrando com outra sua semelhante; o sairmos fora da não era impossível. Estavão duas nãoes francezas junto da nossa, as quais hião para Tripoli de Suria: com a grande tempestade muytas vezes as não viamos, nem ellas a nós, porque parecia abayxarmos aos abysmos: & não somente os passageyros, mas os marinheyros, & os outros officiaes da não, que toda sua vida se havião criado no mar, andavão como fóra de si: o que mais pena me dava era ver meu companheyro jazer como morto, & quando tornava em si, tudo era abraçar-se comigo, & pedir-me confissão.»⁽⁹⁾

Lá se perdeu a nau Quirina, acabada de chegar de Alexandria, com grande estrondo contra as rochas.

A silhueta do monte Carmelo vista do mar, «alguns passaros, & duas rollas»⁽¹⁰⁾ anunciam o alegre e desejado encontro com a Terra Santa. Terra de desertos secos e estéreis, como os três abençoados pelos passos do Precursor - o da Judeia em que nasceu e começou a andar, o de Hebron «aonde dizem, que andava sendo já de idade para poder denunciar ao mundo a vinda de seu Redemptor», finalmente o do Jordão⁽¹¹⁾ - e «o deserto em que esta situado este Mosteyro (de São Sabbá/Mar Sabba), o qual com este nome comprehende algũas cinco, ou seis legoas... he de tanta aspereza que causa espanto, nem ha nelle arvore alguma, ou cousa verde...»⁽¹²⁾ E também terra de vinhedos e pomares, justificando em cheio ânsias de tribos errantes e miragens de nómadas sedentos de chão fértil - crastas conventuais abrigadas à ramagem de laranjeiras, palmeiras e

outras árvores formosas⁽¹³⁾, com o Ribeiro do Cacho a deixar a gente «atónito da fermosura das uvas», terra a abarrotar de «figos, marmellos, & romãs de tanta grandeza, sabor, & fermosura, q mostra aquella terra evidentemete não haver perdido a virtude, & fertilidade, q tinha antes tantos mil annos, quando as espias, que o santo Moyses mandou espiar a terra de promessa vieram alli ter.»^{o4)}

De resto, Frei Pantaleão é parco em referências à paisagem física - «caminho de Rhama a Hierusalem, quasi todo asperissimo, & de montanhas»⁽¹⁵⁾, «Sichar edificada em hum outeyro pequeno, junto a dous altos montes, Hebal, & Garizin»⁽¹⁶⁾, mar da Galileia que «he um lago muyto grande, causado do rio Jordão, que lhe passa pelo meyo».⁽¹⁷⁾

Na topografia de Jerusalém e dos seus lugares santos é que se esmera:

«Está edificada esta bendita cidade em o sagrado Monte de Sion, & de nenhDa parte se pode ir a ella, senão sobindo. E não somente no Monte de Sion, mas tambem muyta parte delia está no Monte Moria, no qual foy edificado o templo de Salamão... ajuntão-se estes dois montes, que fica Sion ao sul, & Moria ao norte.»^{<18)} «Desta cidade de David, não ha ao presente memoria algũa, salvo alicerces de edificios arruinados, & o santo Cenaculo que por milagre quer o senhor Deos sustentar... & todo o mais se lavra quando querem, por se cumprir a profecia de Miqueas, repetida pelo santificado Hieremias... E quãto ao que diz da santa cidade, que seria tornada em hum monte de pedras, muy inteiramete se comprío, quando foy destruida pelos romanos, estando depois muytos annos, até o tempo do emperador Elio Adriano, que acabando de destruir o que Tito deyxou intacto, a tornou a reedificar de novo. Os muros que agora tem são muy inteyros, & bem acabados, dizem que os mandou fazer o grão turco Solimão, depois que tomou a terra ao Soldão do Egypto... (...) Tem ao presente em circui-to grandes tres milhas, que são conforme ao medir antigo, vinte & quatro estadios, os quaes dão a cada milha dous mil passos, & não como algus cuydão, dando a huma milha somente mil passos: (...)

Quanto a estar a santa cidade em o mesmo lugar aonde estava no tempo, em que nosso Redemptor padeceo, não ha duvida algua, pois claramente se ve ser impossivel poderse em outra parte reedificar...»^{o9)}

Difícilmente se poderia exigir maior rigor. Topografia, história antiga e mais recente, estado, origem e medida exacta da muralha protectora de Jerusalém... tudo desfila na pena lesta e crítica do franciscano. «Muros muy fortes, &... tão novos, que parece haver muy pouco tempo, que os fizerão»⁽²⁰⁾ (escassos vinte e cinco anos!) despertariam a atenção com as suas portas monumentais - a «porta que antigamente era chamada dos Pexes, e ao presente se chama Porta de Belem»⁽²¹⁾, que transpôs na primeira entrada; a porta de Damasco⁽²²⁾; a porta «do Templo, chamada especiosa»⁽²³⁾ e Áurea, que «o Grão Turco mandou serrar com portas de ferro de hua, & outra parte»⁽²⁴⁾; a porta de Sião⁽²⁵⁾; a porta do Gado, «porque por ella metião o que havião de sacrificar no Templo, a qual porta ao presente he chamada dos Christãos: a porta de Santo Estevão»⁽²⁶⁾; a porta Esterquilina⁽²⁷⁾. As portas merecem secção própria no capítulo dedicado à «santa cidade de Hierusalem»: «Ao presente tem a cidade cinco portas por onde se servem, ao ponente tem uma junto ao castello, de que fica dito atraz, chamava-se antigamente a porta do pescado, porque por ella entrava o mais do pescado, que na cidade se comia: ao sul está outra porta, a que os christãos chamão porta de Monte Sion, entre sul, & levante, ladeyra abayxo, quando himos de Sion para o valle de Josaphat, está outra, não muy grande, querem dizer, que se chamava em outro tempo a esterquillina; o que mostra ser assi, porque quando chove, sahem por ella as mais das imundícies da cidade... Ao oriente está a porta Aurea, não se servem por ella, porque está tapada com pedra, & cal, como adiante direy. Ao norte está outra porta, a que chamavão, a porta do gado, porque por ella metião todos os animaes, que no templo se havião de sacrificar: e está junto da probática piseina: chama-se agora dos christãos a porta de santo Estevão, porque por ella o tirarão ao martyrio: outra porta está entre norte, & ponente, a que chamão a porta de Damasco, cuydo que somente tres vezes me achey nella.»⁽²⁸⁾ Não deixa de notar que as portas continuam a cumprir a sua função: «todas as noytes infallivelmente se fechão».⁽²⁹⁾

Enumeração e descrição das portas estão substancialmente correctas. Devem-se, com as muralhas, a Solimão, o Magnífico, que mandou executar a obra entre 1537 e 1540. É verdade que os nomes das portas variam com as línguas e as comunidades religiosas, ignorando largamente os oficiais, que remontam ao fundador. Só estranha que Frei Pantaleão, a quem de resto não faltava espírito crítico, tenha dado às portas nomes de entradas da Jerusalém bíblica (dos Peixes, do Gado) e sobretudo que, em «hum anno & quasi oyto mezes»⁽³⁰⁾ de estadia na cidade e arredores, nunca se tenha apercebido da porta

de Herodes, no lanço norte da muralha, como a de Damasco. Talvez ainda se não chamasse assim (peregrinos dos séculos XVI-XVII é que se lembraram de lhe dar tal nome, tomando uma residência dos Mamelucos por palácio de Herodes Antipas). Mas a porta lá estava, com o nome oficial de Bab ez-Zahra, «porta florescente», no sítio em que os cruzados penetraram na cidade, ao meio dia de 15 de Julho de 1099.⁽³¹⁾

Bem percebido e descrito foi o espaço físico dos lugares santos e seus monumentos, dando, não raro a distância (em passos, milhas ou léguas) entre uns e outros. A igreja do Santo Sepulcro tem «duzentos cincoenta & seis pês de comprido, & cêto & setenta de largo, não dos nossos pês communs, mas dos que os geometricos usão na sua arte, que são muyto mayores».⁽³²⁾ A primeira parte do edifício é sustentada por «columnas de marmore, que cada hũa tem em grosso dezoyto palmos».⁽³³⁾ Bom seria dispor de engenho mais fundo para descrever tão grandiosa fábrica.⁽³⁴⁾

Do templo de Salomão restava o sítio, «por nossos pecados» convertido em lugar santo muçulmano. É um «campo grande, quadrado, & cercado de hum muro muy alto... Tem cada quadra seis centos passos, antes mais que menos, & somente a quadra Oriental pudemos medir por estar desoccupada de edificios, & outros impedimentos...(...) Todo o circuito são dous mil & quatrocentos passos, que fazem hũa praça muy fermosa...»⁽³⁵⁾

Distâncias são importantes, sobretudo quando se têm de vencer a pé. O peregrino que se sirva do *Itinerário* fica bem elucidado. «São da casa de Pilatos ao Calvario mil oytocentos e sessenta passos bem medidos»⁽³⁶⁾; da casa de Anás à de Caifás duzentos e cinquenta passos⁽³⁷⁾; cem passos adiante do lugar dos Armênios fica a igreja das Três Marias^{*38*}; a rua vulgarmente dita da Amargura (designação bem mais castiça que «via dolorosa»), «da casa do malvado Caifás á do injusto, impio, & infiel Pilatos», mede «mil setecentos & cincoenta passos, pouco mais, ou menos».⁽³⁹⁾

Betânia está a um quarto de légua do lugar da santa Aseensão⁽⁴⁰⁾; o campo dos pastores a uma milha do presépio.⁽⁴¹⁾ O caminho de Jerusalém a Belém é tão curto que pouco passa de légua e meia⁽⁴²⁾; já para o lugar do nascimento do Baptista há que transpor meia légua até a um mosteiro de monges georgianos⁽⁴³⁾, mais «duas legoas de caminho muy aspero & montuoso».⁽⁴⁴⁾ Emaús fica a pouco mais de duas léguas da cidade santa.⁽⁴⁵⁾

Tanta precisão e pormenor não envergonhariam um autor de roteiro turístico. Frei Pantaleão quer antes fornecer uma guia de peregrini-

nação (a transcrição de antífonas e responsos das cerimónias, em latim, é disso prova clara), completo e bem informado. Escreve para cristãos crentes, não para turistas superficiais, ligeiramente curiosos.

Mais importante que a geografia, física e humana, é o halo místico, o bafo espiritual que os lugares evocam e respiram. Não é a geografia que a faz santa a terra tão desejada de se ver e pisar. Não é o espaço físico a provocar devoção e lágrimas: «Sahimos (em Jafo) logo todos os frades da caravella, & beyjamos com muyta devoção a terra: & os mais com lagrimas: dando muytas graças a Nosso Senhor, por nos haver trasido a porto, & terra de nós tão desejada».⁽⁴⁶⁾ Da contemplação física e estética à evocação mística a passagem é, aliás, suave e natural: «Depois que fomos no alto caminhando hum breve espaço, demos com a vista na Santa cidade de Hierusalem, não sem muytas lagrimas de nossos olhos, porque o seu aspecto tem tanta efficacia, que subitamente move a todo o coração de pessoa christã, se he olhada com consideração do que nella obrou o filho do eterno Deos».⁽⁴⁷⁾

Já a história do Antigo Testamento tornara santa a Terra da Promissão - o vale do Terebinto «aonde David matou ao gigante Golias»⁽⁴⁸⁾; Siquelag onde esteve o mesmo David ao serviço dos Filisteus⁽⁴⁹⁾; Botigella, a antiga «Bazech, aonde Elrey Saul estava, quando os moradores de Jabes Galaad lhe mandarão pedir socorro contra Naas rey dos Amonitas»⁽⁵⁰⁾; Mambré a recordar Abraão e a proto-revelação da Santíssima Trindade⁽⁵¹⁾; Silo, «aonde tanto annos esteve a Arca do Testamento Velho»⁽⁵²⁾; Ramathaim a evocar Samuel⁽⁵³⁾ e Gabaon a Josué⁽⁵⁴⁾; a cisterna de Dotaim onde os filhos de Jacob meteram seu irmão José.⁽⁵⁵⁾

Se acontecimentos desses santificaram a terra, quanto mais a presença do próprio Filho de Deus incarnado. O *a fortiori* é óbvio e explícito:

«Pois Naaman Syro, se não entendera a santidade grande daquella terra, não pedira ao Profeta Eliseu licença para levar a Damasco duas cargas delia, para pòr no lugar aonde fizesse oração, crendo que sem duvida seus rogos serão mais aceytos a Deos, oferecendolhos sobre ella, que sobre a de Damasco. Descalça os çapatos dos teus pès, disse Deos ao santo Moysès porque a terra, onde estás he sancta. Pois se por testemunho do eterno Deos aquella terra era sancta onde Moysès andava guardando o gado, & ovelhas de seu sogro Jetro, Sacerdote Gentio de Madian, &

os Montes Oreb e Sinay, quanto mais o deve ser toda a terra de Hierusalem, aonde o Filho de Deos derramou por nós tanto sangue, & a da Belem, aonde nasceo, e toda a mais de Judea, & Galilea aonde andou, e peregrinou trinta, & tantos annos, e aonde esteve a Virgem nossa Senhora, & os Apostolos, & tanta copia de Santos, & Santas, assim no tempo da Ley Velha, como no da Ley da Graça.»⁽⁵⁶⁾

Jerusalém tornou-se especialmente santa «pelos grandes mysterios, que nella o redemptor do mundo, Christo Jesu, nosso Deos, & senhor havia de obrar».⁽⁵⁷⁾ Dentro de Jerusalém, o atributo convém por antonomásia ao lugar do sepulcro:

«Com muyta razão he este sagrado templo chamado Casa Santa, porque se o evangelista S. Matheus chama a Hierusalem, cidade santa depois de nella se haver perpetrado, feyto, e cometido o nunca ouvido crime, peccado, & maldade, que o povo de Israel commeteo, matando, e em huma cruz crucificando a seu Rey verdadeyro, Deos, & senhor universal de todo o mundo: muyto mais se deve chamar santo, e muy santissimo o lugar aonde o mesmo Deos, & senhor teve por bem obrar os mysteriös de nossa sedempção.»⁽⁵⁸⁾

É isto que justifica a concepção mítica (depois veterotestamentária e da cosmografia medieval) de Jerusalém como centro do mundo.⁽⁵⁹⁾

Entrando no Cenáculo, Frei Pantaleão repete e multiplica gestos de fé e «grandissima reverencia, e acatamento, descalçando-se primeyro, & beyjando a terra».⁽⁶⁰⁾ Encetando o capítulo (LII) em que trata «do lugar aonde nasceo nosso Senhor Jesu Christo, & do santo Presepio aonde foy reclinado», o autor salta erudição em que não era manco e memórias pessoais de morador, espraia-se por incontidas exclamações, próprias de místico que não era.⁽⁶¹⁾

«Luz da minha alma, doçura da nossa memória, refrigerio de nossos pensamentos, esperança firme de nossos desejos, remedio de nossas faltas, medico de nossas fraquezas, & premio de nossas obras. Como meu Deos, & Senhor tratarey de vosso santo Presepio, e daquelle ditoso diversorio sagrado, aonde vós, sendo Divino, por amor de peccadores, quizestes nascer humanado.»⁽⁶²⁾

Até mouros e turcos veneram os lugares santos da Palestina - o túmulo da Virgem no vale de Josafat, deles beijado «com muytas lagrimas, & soluços»⁽⁶³⁾; o lugar do presépio em Belém, visitado por

ocasião das peregrinações a Meca e «em todas suas enfermidades, trabalhos, & necessidades»⁽⁶⁴⁾; em suma, «todos os lugares aonde Christo nosso Redemptor esteve, tirando aquelles, que tocão aos mysteriõs de sua sagrada Paixão, porque não quadra a seu rustico e carnal entendimento...»⁽⁶⁵⁾

Em ordem à salvação espiritual, a Terra Santa era duplamente eficaz. Antes de mais por sua própria essência e natureza de terra pisada pelo Filho de Deus e redentor do mundo. Quase se experimenta sensivelmente tamanha eficácia: terra capaz de «inflamar os corações daquelles que cõ devação» visitam o Cenáculo^{*661}, e de fazer «sentir hum movimento muy grande de compaixão» no horto de Getsémani⁽⁶⁷⁾; terra que leva os crentes ao gozo íntimo e à conversão em Belém.⁽⁶⁸⁾ Há quase um efeito sacramental, *ex opere operato*, dos sítios. É comparar a eficácia de Jerusalém por opposição à de Belém: «He cousa maravilhosa, & muyto de se notar, que se olhais para Hierusalem, sentis em vossa aimã hũa compassiva tristeza, & hũ não sei q de melancolia, q vos afflige, & cobre o coração: & pelo contrario, virando-vos para Belẽ, subito sentis em vós, & em vossa alma outro effeyto muy differente de espiritual alegria: & hũa brandura do amor de Deos, que vos causa espanto, o que algũas vezes em mim experimentey, ainda que misero, & indigno peccador, & ouvi contar a outros Religiosos da mesma familia, sentirem o mesmo.»⁽⁶⁹⁾

Com as indulgências generosamente concedidas pela Igreja aos peregrinos, a Terra Santa era uma torrente de graças e perdões, indulgências plenárias e parciais a rodos, ligadas a lugares, santuários e capelas. Para nos quedarmos nos sítios visitados por Frei Pantaleão, ganhava-se indulgência plenária no Cenáculo^{*701}, em várias capelas do Santo Sepulcro^{*71*}, na capela da flagelação e na casa de Anás^{<72)}, em vários passos da rua da Amargura^{*73*}, na igreja de Santa Ana^{<74)}, em diversos lugares do Getsémani^{<75)}, onde em Belém a estrela desapareceu aos reis magos^{<76)}, no Jordão^{*77)}, no sepulcro do Baptista em Samaria^{*78*}, no monte Tabor⁽⁷⁹⁾... Em não poucos sítios podiam lucrarse indulgências de sete anos e sete quarentenas.^{*80'}

Compreende-se como o *Itinerário* de Frei Pantaleão entremeie narrativas com antifonas, versículos e orações no latim da liturgia e quase se esgote na apresentação compuncta de lugares santos a fio. A Terra Santa, sem deixar de ser espaço físico, é sobretudo chão prenhe de graça e de virtude, onde os sítios se desdobram em memórias e perdões. É «o lugar aonde o patriarcha Abrahão, por mandado do muy poderoso Deos, quis sacrificar a seu muy querido filho Isaac»^{*81*}, «a sepultura em que foy sepultado o grão sacerdote do se-

nhor Melchisedech»⁽⁸²⁾, o lugar onde o corpo de Cristo foi ungido por Nicodemos⁽⁸³⁾, o calvário⁽⁸⁴⁾, o sepulcro do Senhor⁽⁸⁵⁾ e «outras estancias, & estações»⁽⁸⁶⁾... tudo concentrado na Casa Santa. Vale de Josafat, monte das Oliveiras, território de Belém são outras tantas constelações de memórias e espaços qualificados.

II

Na varada larga e longa que levou D. Álvaro da Costa de Goa a Roma, não podia faltar a Terra Santa. O fidalgo era devoto em demasia para deixar tal meta. Ainda em Bagdade, já «desejava ir com pressa pera se poder achar na semana santa em Jerusalem»^{*87*}. Lá chegou a tempo e deixou-nos mais uma descrição da Terra e dos sítios visitados, aproveitando o *Itinerário* do antecessor.⁽⁸⁸⁾

Com outros pressupostos sociais e culturais, o fidalgo largou da Índia a 11 Setembro de 1610, a caminho da Terra Santa. A meta era estar aí pela semana maior do ano seguinte.⁽⁸⁹⁾ E com que rigor e emoção a alcançou! «Domingo de Ramos 27 de Março era o dia em que dom Alvaro entrou nesta santa terra e notou a mercê que Deus lhe fazia em entrar nella no dia em que nosso Senhor entrou em Jerusalem e padeceu por nos».⁽⁹⁰⁾

Quem assim fala, não é turista nem explorador de novas terras; é peregrino. Cruzando o Jordão pela ponte de Jacob, a norte do lago de Tiberíades, D. Álvaro vinha armado da trilogia de virtudes - «fe... paciência e boa bolsa» - de que se há-de «prevenir» «quem pretender vir a Jerusalem».⁽⁹¹⁾ Fé e paciência bem as mostrara pelo caminho - aceitando resignado os azares da fortuna e dormindo na estrebaria da aldeia persa naquela noite de Natal (1610)⁽⁹²⁾, confessando-se em Bagdade antes da partida⁽⁹³⁾, orando com promessas nos perigos do deserto⁽⁹⁴⁾, correndo a uma igreja a dar graças, logo que chegou a Alepo.⁽⁹⁵⁾ Mergulhado na terra da bem-aventurança e do mistério, jamais se queixará da «frieza» que apoquentara Frei Pantaleão de Aveiro. Antes, tudo são rezas, confissões (no sábado santo em Jerusalém⁽⁹⁶⁾, na terça-feira seguinte em Belém⁽⁹⁷⁾) e comunhões (na primeira missa do domingo de Páscoa no Santo Sepulcro⁽⁹⁸⁾, dias depois em Belém⁽⁹⁹⁾ e no Calvário⁽¹⁰⁰⁾). Sempre acompanhado de frades (no convento em que se alojou, nas cerimónias religiosas, nas visitas aos santuários e lugares santos). O fidalgo aproveitou a estadia em Jerusalém para receber a confirmação.⁽¹⁰¹⁾ Fé e paciência tanto mais evidentes e provadas quanto se tinha de contar com saúde débil e achacada. Disso, sim, queixa-se por mais de vez o fidalgo peregrino.⁰⁰²¹

Boa bolsa também não lhe pode ter faltado. Os Turcos tinham feito da Terra Santa autêntica mina de tributos em saquins de ouro... sem, aliás, tirarem grande proveito dos catarros, «porque os da santa cidade são pera os santões q nella tem e pera hu hospital e os do caminho são pera os velhacos q os arrecadão».⁽¹⁰³⁾ Ao todo, foram «muito mais de 300. Reales de oito» que D. Álvaro teve de despender de Alepo a Jerusalém e daqui a Trípoli, embora não alugasse bestas até Jerusalém; «q se as alugara gastara mto. mais e em vir de Ormuz ate Aleppo não gastou tanto nem teve necessidade de tanta paciencia».^{<104)}

Vê-se que a Terra Santa era espaço físico bem definido, alcançado em longa e morosa viagem por mar e terra: trinta e três dias de viagem marítima de Goa a Ormuz, cinquenta e seis jornadas terrestres daqui a Alepo! Só em terra, as léguas contavam-se por dezenas e centenas: quatrocentas léguas de Ormuz a Alepo⁽¹⁰⁵⁾, com as grandezas parciais de cento de vinte léguas de Bagdade a Alepo⁽¹⁰⁶⁾ e cinquenta de Bagdade a Ana⁽¹⁰⁷⁾; oitenta léguas de Alepo a Jerusalém, com Damasco a meio caminho (quarenta léguas de Jerusalém).⁽¹⁰⁸⁾

Atingir a Terra Santa por mar e terra a partir da Índia era odisséia ainda mais aventureira que demandá-la a partir da cristandade em nau veneziana. Às probabilidades de roubo acresciam os riscos e perigos em esgotantes jornadas, por serranias medonhas na Pérsia e sertões infundos na Mesopotâmia e Síria. Ao português de Seiscentos causavam os desertos maior pavor que os mares... verdadeiros oceanos de areia, onde, perdida a pista, só valia a orientação pelo Sol⁽¹⁰⁹⁾ ou, de noite, pelas estrelas.^{*110)} Havia, é certo, um piloto a orientar a cáfila. Mas a D. Álvaro calhou um que não tinha a recomendá-lo nem coragem nem consciência profissional. Mal atravessado o Eufrates, a pouca distância de Bagdade, «o pilouto lhes metia grandissimos ráceos dos Arabios e em vendo gente morm.te de cavalo era seu temor maior»⁽¹¹¹⁾; e, «por ser preguiçoso não queria andar de noite que he o melhor e mais seguro caminhar».^{<112)} Covarde, preguiçoso e dorminhoco, o piloto quase deu mais trabalho que ajuda.⁽¹¹³⁾ Em terra arável e habitada, os perigos eram menores, mas não desapareciam de todo. D. Álvaro enfrentou-os pela Síria abaixo, não temendo os perigos do caminho nem a falta de quem o soubesse guiar»^{<114)}, porque uma semana santa em Jerusalém não tinha preço.

A Terra Santa situava-se num espaço físico bem concreto, nos domínios do Grão Turco, que se estendiam «pelo çertão muito ao oriente» e na Síria contavam Alepo e Damasco por «çidades prinçipais» «e de palestina, a de Jerusalem, q posto q pequena, he de Turcos e

Xrãos tão estimada pellas maravilhas obradas nella por deos, que fica sendo a mais notável de todo o mundo.»⁽¹¹⁵⁾

Espaço físico e religiosamente qualificado entrecruzam-se na descrição, definição e história da «Terra Santa»:

«Chamasse terra santa e de promessa toda aquella q foi prometida e dada aos filhos de Israel, q por particular merce e animo do Senhor forão per ella tirados do cativoiro delRey pharao de Egipto, a qual despois q nella estiverão e a ganharão, foi repartida pelos doze tribus, como largam.te conta a sagrada scriptura, e a causa por q mais lhe convem o nome de terra santa he polla aver andado toda nosso Senhor Jesu Christo obrando nossa Redempção com tantas maravilhas e doutrinãdo as gentes e em particular aos naturais delia, de cuja doutrina tão mal se aproveitarão os mais delles. Da parte do Norte fica dividida esta terra por este Rio Jordão e do levante do mar morto junto ao qual estiverão as 7. çidades assoladas por seus peccados, e da parte do sul chega te a çidade de Gaza e aos desertos do Egipto ate a Suria: e do ponente se termina no mar mediterraneo que corre de Egipto ate a Suria, aonde tinhão os felisteus suas çidades que por serem os mais poderosos no tempo q fazião guerra aos filhos de Israel derão com algũa corrupção o nome a aquella terra, quasi dizendo felistina e por esse nome se comprehende algüas vezes toda a terra santa, e outras sendo mais distinctamente nomeada inclue ensi as provinçias da mesma palestina em q entra a fenizia q he o maritimo, e da Judea que esta ao sul, e per a parte do Egipto q tomou aquelle nome por ser parte delia dada ao tribo real de Juda, e da Samaria q quer dizer, cousa guardada, pollo estar entre a Judea e Galilea q lhe fica ao Norte terminãdose no Rio Jordão e ponte de Jacob, de q tratamos, e delia te Gaza he o comprim.to de toda esta santa terra de sincoenta legoas pouco mais ou menos; e as çidades notáveis são Sichem e Samaria, porq em Galilea de presente não ha mais q pequenas Villas, porem entra nellas a de Nazareth, onde foi principiada nossa Redempção e encarnou o filho de deos: em Judea tem Jerusalem metropoli antigua de toda aquella terra, e a çidade de Ebrom q he igoal na grandeza presente a Jerusalem, e a de Gaza q inda he mais principal por ter baxa por si, q não reconhece

o de Damasco. No mar de palestina estão outras çidades que antigam.te forão opulentissimas, mas oje de todas ellas soo a de Saida he bem povoada, e mais notável e cabeça das outras com Mira isento..»⁽¹¹⁶⁾

Terra Santa tira, portanto, seu nome da história santa do Antigo Testamento (prometida e dada aos Israelitas) e sobretudo dos acontecimentos salvíficos da Nova Aliança (aí operou Cristo a nossa redenção). O halo místico não suprime, apenas sublima a sua natureza de espaço físico, medido em cerca de cinquenta léguas de comprimento, dividido nas grandes províncias de Fenícia (junto ao mar), Galileia, Samaria e Judeia, limitado em várias direcções segundo os pontos cardeais e humanizado em vilas e cidades de diversa importância política. Pelo caminho, o fidalgo dá a sua etimologia de «Samaria», como se soubesse hebraico («cousa guardada»; de facto, vem do nome do dono do terreno, Shemer, 1 Re 16,24) e a etimologia correcta de «Palestina»: o nome remonta, «com algũa corrupção», aos Filisteus.

Devoção e fé não impedem que D. Álvaro tenha os olhos bem abertos para as realidades da geografia física - o rio Jordão «tão largo (com as cheias) q pareçia hũ mar pequeno»⁽¹¹⁷⁾, o lago de Tiberíades⁽¹¹⁸⁾, o «grande e razo campo chamado antigamente Esdrelon»⁽¹¹⁹⁾, o Tabor coberto de arvoredos⁽¹²⁰⁾, a frescura de Síquém⁽¹²¹⁾, «os grandes pinheirais (de Samaria) que te então não tinha visto»⁽¹²²⁾, os vales adornados de boas vinhas⁽¹²³⁾, o «arvoredos agreste» andado à chuva⁽¹²⁴⁾, o mar Morto e o Jordão contemplados do monte das Oliveiras.*^{125*}

A Terra Santa é, porém e sobretudo, o espaço qualificado e privilegiado dos encontros históricos de Deus com os homens e onde o homem histórico mais facilmente encontra a Deus e a salvação. Avançar por vales e encostas da Palestina era mergulhar em cheio na história santa, o mesmo é dizer, nas fontes vivas da salvação. Ia-se ao encontro de figuras e factos do Testamento Velho: lendas de Jacob evocadas ao atravessar da ponte⁽¹²⁶⁾; a história de José revisitada no «grande campo fertilissimo de pasto pera toda a sorte de gado» com «a cisterna onde o casto patriarcha... foi lançado por seus Irmãos»⁽¹²⁷⁾; Eliseu e Abdias perpetuados nos seus túmulos de Samaria⁽¹²⁸⁾; o «valle de Gabaon onde Josue mandou parar o sol»; o «outeiro onde Absalão matou seu Irmão Amon»; outro «onde o povo pedio Rey»; «Rhamataim, patria do profeta Samuel»; «sepulchro dos sinquo Irmãos machabeos»⁽¹²⁹⁾; o «valle e torrente donde os Espias q Moisés mandou descobrir a terra de promessa levarão o cacho de Uvas»...⁽¹³⁰⁾

Era sobretudo um refrescar de inesquecíveis memorias evangélicas: o mar da Galileia «lugar muy santificado pollas muitas vezes que

per elle andou nosso Senhor Jesu Christo entrando corporalmente naquellas agoas quando São pedro q nelle andava pescando se lançou no mar»; Betsaida, «patria» do «santo apóstolo»; as ruínas de Cafarnaum que iam ficando para trás; mais umas ruínas a sudoeste que D. Álvaro «entendeo podião ser da çidade Magdalon»; «o sitio da antiga cana de galilea na qual o Senhor nas vodas em q se achou converteo a agoa em vinho»; «da outra banda deste mar (da Galileia)», estendia-se a «Região Triconitida (onde) obrou tambem o Senhor grandes maravilhas e feitos»⁽¹³¹⁾. No Tabor dera-se a transfiguração de Jesus⁽¹³²⁾, em Samaria fora decapitado João Baptista⁽¹³³⁾, em Siquémestava «o poço em que o Senhor converteo a samaritana»⁽¹³⁴⁾. Com «grãde sentimento» houve que renunciar à visita de Nazaré, «onde foi a Virgem anunciada».⁽¹³⁵⁾ Que pena não haver ali «quem soubesse mostrar o monte de gelboe, nem o môte Hermon, nem a «çidade de Nairn, onde Christo nosso Redentor ressuscitou o filho da Viuva» I⁽¹³⁶⁾

Memórias históricas? Sem dúvida; mas de história sagrada e de salvação. E ainda faltava o cerne do espaço qualificado, Jerusalém:

«E sendo ja quasi dez horas chegarão a hü oiteiro donde descubrirão a santiss.ma çidade de Jerusalem e per aquella parte parece toda çercada de vinhas e pumares de arvoredos cõ muitas quintas nelles. E por entre ellas q estão çercadas de muros vai a estrada desçendo. Grandissimam.te se alegrou dõ Alvaro em seu coração cõ ver o q tanto desejava e q deos misericordiosam.te lhe mostrava e mais em dia tão asinalado (sexta-feira santa) e em q o Senhor e Redemptor do múdo padeçera pollos peccadores na mesma çidade que estava vendo, apeouse e beijou aquella santa terra em q se via e por estar m.to mal desposto não pode ir a pee e tornou a cavalgar...»⁽¹³⁷⁾

Chegara ao centro do mundo, capital de «lei da graça»: «Esta santissima çidade de Jerusalem q no coração de todos os fieis cristãos deve de andar sempre retratada, alem de ser santificada por todos os santos e profetas do velho testam.to e despois pollo sumo profeta dos profetas nosso Senhor Jesu Christo filho unigenito de deos, q padeçendo nella, teve por bem obrar tão amplam.te os santissimos misterios e tambem algüs santos do novo testam.to nella perderão as vidas polia confissão da lei da graça que professamos.»⁽¹³⁸⁾ E ainda não entrara no Santo Sepulcro e «no proprio lugar onde o Senhor

esteve sepultado», «lugar... este que se deve deixar som.te a consideração de sua santidade e deuação aos muy devotos e afervorados no amor divino, e não diremos mais senão que faz deos particular graça a que permite visitar tão santos lugares o q todos os fieis christãos devem desejar.»^{<139)}

Jerusalém e arrabaldes apinhavam-se de sítios e santuários marcados por algum evento salvífico, lugares santos que D. Álvaro visita e enumera, comprimindo a descrição em dois capítulos⁽¹⁴⁰⁾. Apesar da escassez de tempo e da falta de saúde, não deixou de «visitar todos os lugares que pudesse emquanto se não partia», como Emaús na segunda-feira de Páscoa (4 de Abril), «por ser o dia em q~ nosso Senhor ressuscitado se encontrou cõ os dous discipulos S. Lucas e S. Cleofas q se saião da çidade pera o mesmo castello»⁽¹⁴¹⁾; Belém e arredores^{<142)}; Betânia e Ain Karim.⁽¹⁴³⁾

Não se esperaria que o fidalgo adiantasse alguma coisa sobre Frei Pantaleão de Aveiro. No olhar crítico, fica muito aquém do franciscano.⁽¹⁴⁴⁾ Sem exprimir a sua convicção profunda, também não levanta dúvidas: «a fremosa arvore chamada Terebintho da Virgem», junto ao caminho de Belém; tem este nome «porq se afirma que a sombra delia descansava todas as vezes q hia por este caminho».⁽¹⁴⁵⁾ Entre os «santuarios que avia circumvizinhos a santa çidade» contava-se a «cisterna onde a Virgem pedio agoa e lha negarão».⁽¹⁴⁶⁾

Na listagem farta das indulgências, plenárias⁽¹⁴⁷⁾ ou parciais⁽¹⁴⁸⁾, que se podem ganhar nos vários lugares santos é D. Álvaro tão pressuroso como o seu predecessor de Aveiro. Olha a Tarra Santa como manancial de graças e perdões, acrescentados pela generosidade da Igreja à eficácia «natural» dos sítios.

*

* *

Aí temos duas visões complementares, a do franciscano vindo da Europa para morar na Terra Santa e a do fidalgo que da Índia para lá peregrinou. Ambas confluem na subordinação do espaço físico ao valor intrínseco do país que por toda a parte exalava santidade. O nimbo sobrenatural é que atraía peregrinos do Ocidente e do Oriente, judeus, cristãos e muçulmanos. Não a geografia física com suas belezas naturais e paisagens insólitas, não curiosidades históricas ou arqueológicas, não o simples gosto da aventura. Nisto coincidem clérigos e leigos, qualquer que seja a extracção social ou formação literária. Abertura ao mundo e experimentalismo das Descobertas, com laivos

de cepticismo à mistura, convivem com fé sincera em Frei Pantaleão de Aveiro; em Frei Gaspar de S. Bernardino esbatem-se erudição e curiosidade histórica perante os «desejos grandíssimos... de visitar os lugares santos de Jerusalém»⁽¹⁴⁹⁾ e os superlativos da emoção devota - o «santíssimo sepulcro de Cristo Nosso Senhor», o «devotíssimo monte Calvário», o «sacratíssimo presépio»⁽¹⁵⁰⁾ de Belém.

Só o nimbo místico e a quase palpável virtude salvífica da Terra Santa explicam as peregrinações atribuladas a partir da Índia: a romagem frustrada de António Tenreiro, as felizmente concluídas de Frei Gaspar e de D. Álvaro da Costa. Tanto mais admira que Nicolau de Orta Rebelo, com tal bem à mão de semear, não se tenha deixado arrastar nem pelo exemplo de Frei Gaspar, companheiro de viagem de Goa a Alepo, nem pelas palavras do judeu português que aqui encontrou e lhe pedia que «não viesse para Portugal Sem ver Hierusalem», e «não tinha desculpa que dar, pois Deus me trouxera a Salvamento á terra Santa».⁽¹⁵¹⁾

Notas

(1) Época da peregrinação da virgem galega Egéria (aliás Echeria, Eitheria e Etéria), que nos deixou um interessante Itinerário, só descoberto em 1884 na cidade italiana de Arezzo. As deambulações da nobre hispana, com monges e até bispos a servirem de cicerones, eram de carácter primordialmente religioso. Não obstante, o Itinerário de Egéria dá um contributo valioso para a geografia histórica da Palestina. Edições: P. GEYER, *Itinera hierosolytana saeculi IV-VIII* (CSEL 39), Viena 1896; *ETHERIE. Journal de voyage*, Sources chrétiennes, 21, Paris 1948 (H. Pétré); Sources chrétiennes, 296, Paris 1982 (P. Maraval). Há traduções em russo (P. Pomialowski: 1889), italiano (G. Marioni: 1890), alemão (H. Richter: 1919), espanhol (P. Galindo: 1924; B. Avila: 1935) e português (A. B. Mariano e A. Nascimento, 1998).

(2) FREI PANTALEÃO DE AVEIRO, *Itinerario da Terra Sancta e suas particularidades*, Lisboa 1593, n. 4, editado pela primeira vez cerca de trinta anos depois da estadia na Palestina, Lisboa, em casa de Simão Lopez, M.D.LXXXXIII. Seguiram-se muitas outras edições: Lisboa 1595, 1596, 1600, 1685, 1721, 1732; Évora 1812; Coimbra 1927. Nesta edição, que continuo citando, XXXIV, 178: «Do nosso Portugal vão cada hum anno trezentos cruzados, quando os arrecadão, os quaes deyxou El Rey Dom João o III para o azeyte das alampadas, q ardem, assim na Casa Santa, como em Belem: & hu fidalgo principal do Reyno, por nome Jorge da Sylva, que passou com ElRey Dom Sebastião a Africa, & la morreo: deixou cem cruzados para o mesmo effeito das alampadas.»

(3) F. ÁLVARES, *Verdadeira Informação das terras do Preste João*, Lisboa 1974, I, CIV, 279.

<4> Cf. n. 2 *supra*.

(5) *Itinerário de Antonio Tenreyro, cavaleyro da Ordem de Christo, em que se contem como da Índia vêo por terra a estes Rey nos de Portugal*, em A. BAIÃO, *Itinerários da Índia a Portugal por terra*, Coimbra 1923. Tenreiro incorporou-se na embaixada de Baltazar Pessoa ao sufi da Pérsia não só para se livrar de companhias inoportunas, mas também por «cumprir com meus desejos, que erão ver mundo (II,8), e sobretudo Jerusalém. Foi o que declarou sem alarde nem rebuço ao paxá de Diarbakir, que o prendeu por espião e

enviou ao Cairo sob escolta: «Eu lhe respondi a verdade em como viera em companhia do embaixador, que o governador da Índia mandara ao Sufi, e que tomara em vontade de ir a Jerusalem, e que hia meu caminho pera laa» (XXIX, 58). Os Turcos suspeitavam que o governador da Índia, D. Duarte de Meneses, tinha enviado fundidores de canhões juntamente com a embaixada ao sufi. O que mostra como funcionavam bem os seus serviços secretos. De facto, o xá Ismail tinha pedido mestres bombeiros a Afonso de Albuquerque numa carta de 1515. Cf. R. GULBENKIAN, *L'ambassade en Perse de Luís Pereira de Lacerda et des Pères Portugais de l'Ordre de Saint-Augustin, Belchior dos Anjos et Guilherme de Santo Agostinho (1604-1605)*, Lisbonne 1972, pp. 26-27, n. 32.

(6) FREI GASPAR DE S. BERNARDINO, *Itinerário da Índia por terra até à ilha de Chipre*, Lisboa 1953, V, 60. O título da edição original é *Itinerario da Índia por terra ate este reyno de Portugal, com Descipçam de Hierusalem*, I parte, Lisboa 1611, na oficina de Vicente Alvares. Outras edições: Lisboa 1842, 1854 (esta, como a de 1953, com a infeliz alteração de omitir as referências bibliográficas do autor).

O franciscano curioso e culto não programou a peregrinação em Goa. Dirigia-se simplesmente ao reino, embarcado a 30 de Dezembro de 1605 na nau capitania da armada, «Nossa Senhora de Bettencour». Nau arrombada num tremendo naufrágio ao largo de Madagáscar, capitão peremptório em não prosseguir viagem naquele estado, só duas alternativas restaram ao frade: regressar à Índia ou atirar-se à via da Pérsia. A segunda era a mais aliciante: «Como eu e meu companheiro tínhamos as licenças largas para o reino, e vimos não ser vontade do Senhor levar-nos a ele por mar, achámos que tudo vinha de sua santa mão, pelo que nos não entristecemos, antes lhe demos graças por assim o permitir. E vendo eu que ao presente tinha caminho aberto, ainda que perigoso, para poder cumprir uns desejos grandíssimos, que sempre tive de visitar os lugares santos de Jerusalém, lancei mão dele nesta boa conjunção» (V, 60).

(7) *Tratado da viagem que fez D. Alvaro da Costa, da Índia Oriental á Europa, nos annos do Senhor de 1610, e 1611, per via da Persia, e Turquia, com particular relação de toda a terra Santa, e da Cidade de Jerusalem que vizitou; e das mais Cidades, terras, e lugares, Reynos e Provindas que andou. E de uma breve e geral descripção da Índia Oriental, e da navegação que a ella fazem os Portuguezes, todos os annos*. Manuscrito CXV/1-5 da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, fl. 76. Resolvo «è» para «em» e as consoantes «i» e «u» em «i» e «j», «u» e «v», respectivamente, consoante o valor fonético.

(8) *Ibid.*, II, 9.

(9) *Ibid.*, XI, 52-53.

(10) *Ibid.*, XVI, 78.

(11) *Ibid.*, LVI, 342.

(12) *Ibid.*, LXI, 371

(13) *Ibid.*, XVIII, 90.

(14) *Ibid.*, LVI, 348.

(15) *Ibid.*, XVIII, 93.

(16) *Ibid.*, LXXIX, 448.

(17) *Ibid.*, LXXXII, 474.

(18) *Ibid.*, XXI, 102.

(19) *Ibid.*, XXI, 104-105.

<²⁰> *Ibid.*, p. 104.

<²¹> *Ibid.*, XX, 100.

<²²> *Ibid.*, XLI, 236.

(²³) *Ibidem.*

<²⁴> *Ibid.*, XLII, 244; cf. *ibid.*, p. 247.

<²⁵> *Ibid.*, XXXVIII, 218.

<²⁶> *Ibid.*, XLI 1, 252.

<²⁷> *Ibid.*, XLV, 271.

<²⁸> *Ibid.*, XXI, 110.

<²⁹> *Ibid.*, XXI, 109.

<³⁰> *Ibid.*, LXXVI, 432.

(³¹) Os outros nomes oficiais são: *Bab el-Amud*, «Porta da Coluna» (Porta de Damasco), em memória de uma coluna aí erigida por Adriano e que ainda se pode ver no mapa de Madabá (século VI); *Bab el-Khalil*, «Porta do Amigo» (Porta de Jafa; de Belém ou do Pescado para Frei Pantaleão), por dar para Hebron, onde morou Abraão, o amigo de Deus; *Bab el-Magharbeh*, «Porta dos Mouros» (Porta Esterquilina), porque no século XVI por aí viviam emigrantes do Norte de África; *Bab el-Ghor*, «Porta do Jordão» (Porta de S. Estêvão para os cristãos, dos Leões para os Judeus, que dá para Leste e mar Morto; a «Porta Áurea» congrega à sua volta numerosas lendas e poucas certezas - o nome latino é corrupção do grego *horaia*, «bela»; a porta já estava encerrada antes de se construir a muralha actual (provavelmente desde os primeiros séculos de dominação árabe, para evitar o acesso do Haram aos infiéis e certamente após a partida dos Cruzados). Às seis portas originais juntou o sultão Abdul Hamid a Porta Nova (1887), para facilitar o acesso aos novos bairros que se formavam para além da muralha setentrional. Cf. J. MURPHY O'CONNOR, *Das Heilige Land. Ein archäologischer Führer*, München/Zürich 1981, pp. 35-38, 94.

<³²> FREI PANTALEÃO DE AVEIRO, *Itinerario*, XXIII, 121.

<³³> *Ibid.*, XXIII, 119.

(³⁴) *Ibid.*, XXII, 111-112: «Esta casa santa aonde está o santo sepulcro, com outros muytos santuarios, que em si tem, he sua fabrica huma cousa tão grande, que tenho por impossível podella meu entendimento declarar inteiramente, assi pela magestade, & grandeza da obra como por eu saber pouco de arquitectura:»

<³⁵> *Ibid.*, XLII, 240-241.

<³⁶> *Ibid.*, XLI, 232.

<³⁷> *Ibid.*, XXXVIII, 218.

<³⁸> *Ibid.*, XL, 225.

<³⁹> *Ibid.*, XLI, 228.

<⁴⁰> *Ibid.*, XLVIII, 297.

<⁴¹> *Ibid.*, LIV, 332.

<42> *Ibid.*, XLIX, 303.

<43> *Ibid.*, lxxv, 339.

<44> *Ibid.*, LVI, 341.

<45> *Ibid.*, LXXIV, 426.

<46> *Ibid.*, XVI, 78-79.

<47> *Ibid.*, XX, 98-88.

<48> *Ibid.*, p. 97.

<49> *Ibid.*, LVII, 349.

<50> *Ibid.* p. 350.

⁽⁵¹⁾ *Ibid.*, LVIII, 353-354; LIX, 355. «A azinheyra, de que a Sagrada Escritura faz memoria, junto da qual esteve o Patriarcha Abrahão, a qual até este tẽpo permanece, ou outra semelhante em seu lugar» (353).

<52> *Ibid.*, LXXIII, 416.

<53> *Ibid.*, p. 417.

⁽⁵⁴⁾ *Ibidem.*

<55> *Ibid.*, LXXXIII, 476-479.

<56> *Ibid.*, XLIX, 308.

<57> *Ibid.*, XXI, 103.

<58> *Ibid.*, XXII, 111.

⁽⁵⁹⁾ *Ibid.*, XXV, 139: «porque se Hierusalem esta no meyo do mundo, como muytos cosmographos querem affirmar, com mais razão se deve ter o meyo do mundo no buraco, em que foy metida a cruz de nosso redemptor...» Exemplos desta representação são o Mapa-múndi de Ebstorf (c. 1249), pertencente à abadia beneditina de Ebstorf, perto de Lüneburg, até ser destruído no bombardeamento de 1943 (fac-símile na Biblioteca Nacional de Paris); o Mapa-múndi do Saltério (meados do séc. XIII), da British Library de Londres; e o Mapa-múndi de Ricardo de Haldingham (c. 1290), da catedral de Hereford (Inglaterra), com fac-símile na Biblioteca Nacional de Paris.

<60> FREI PANTALEÃO DE AVEIRO, *Itinerario*, XXXVII, 214.

⁽⁶¹⁾ Frei Pantaleão alude mais de uma vez ao distanciamento crítico com que narra e até a alguma «frieza»: «porque minha intenção não he escrever meditações, nem fazer exclamações, mas somente relatar, & escrever o que vi, & andey... (*ibid.*, XXIV, 129); na igreja junto à casa de Anás, onde entrou algumas vezes, nunca percebeu «o tom de uma grande bofetada» que «muytos Christãos da terra» diziam ouvir-se sempre ali: «por meus peccados não mereci ouvilla, nem sentilla» (*ibid.*, XXXVIII, 219); nada escreve das «muytas cousas, q lá tem por miraculosas, & verdadeyras» atribuídas a uma árvore que terá dado sombra a Nossa Senhora, «porque conforme á frieza, & pouca devoção de quá temo, que as tenham, por frivolas, & compostas» (*ibid.*, XLIX, 314).

<62> *Ibid.*, XLIX, 319.

<63> *Ibid.*, XLI 1, 255; cf. *ibid.*, LXXX, 460; LXXXV, 489.

<⁶⁴> *Ibid.*, LII, 326.

<⁶⁵> *Ibid.*, XLVII, 292.

<⁶⁶> *Ibid.*, XXXVII, 209.

<⁶⁷> *Ibid.*, XLVI, 276.

(⁶⁸) *Ibid.*, LII, 321: «... para mim tenho, não haver Christão no mundo, por muyto máo, & pessimo que seja, que entrando alli com algúa consideração da santidade daquelle santíssimo lugar, não se arrependa, & tenha dôr intima, & contrição de seus peccados...»

<⁶⁹> *Ibid.*, XLIX, 306.

<⁷⁰> *Ibid.*, XX, 101; XXXVII, 204-205, 211.

<⁷¹> *Ibid.*, XXIV, 129; XXVI, 143; XXXV, 182-183, 184-185, 186 («remissão de todos os peccados»), 187, 188 («remissão de todos os peccados»), 189.

<⁷²> *Ibid.*, XXXVIII, 218-219.

<⁷³> *Ibid.*, XLI, 230, 233.

<⁷⁴> *Ibid.*, XLIII, 258.

<⁷⁵> *Ibid.*, LXV, 389.

<⁷⁶> *Ibid.*, LII, 352.

<⁷⁷> *Ibid.*, LXV, 389.

<⁷⁸> *Ibid.*, LXXX, 458.

<⁷⁹> *Ibid.*, LXXX, 469.

(⁸⁰) *Ibid.*, XXXV, 183 (na Casa Santa, onde o Redentor apareceu a Madalena); XL, 225 (na igreja das Três Marias), 226 (na igreja do evangelista S. João), 228 (na casa de Maria, mãe de João Marcos); XLV, 271 (no lugar do vale de Josafat onde os judeus saíram ao encontro dos apóstolos); XLVI, 277 (no Getsémani, onde Cristo disse aos apóstolos: «vigiai e orai»), 284 (junto à piscina de Siloé), 286 (onde Isaías foi serrado a meio), 288 (no campo de Haceldama); XLVIII, 298 (na igreja de Betânia); LVII, 349 (na fonte de S. Filipe, entre Jerusalém e Belém); LVIII, 354 (junto à azinheira de Mambré); LIX, 356 (junto aos túmulos dos patriarcas, em Hebron), 358 (no campo damasceno).

<⁸¹> *Ibid.*, XX, 113.

<⁸²> *Ibid.*, p. 114.

<⁸³> *Ibid.*, XXIII, 119.

<⁸⁴> *Ibid.*, XXIV, 124-134.

<⁸⁵> *Ibid.*, XXV, 135-140.

<⁸⁶> *Ibid.*, XXVI, 140-153.

(⁸⁷) D. Álvaro da COSTA, *Tratado da viagem* (n. 7), foi. 76.

(⁸⁸) Um hospital de Damasco «deve ser o dos leprosos de que trata o padre frei Pantaleão no seu itinerário» *íbid.*, fol. 92); pouco antes do Jordão passa na «terra de Hus de Job, de que trata frei Pantaleão daveiro» (*íbid.*, fol. 94).

(89) Por isso é que D. Álvaro se demora o estritamente indispensável em Bagdade e toma logo que pode o caminho de Alepo, apesar de numerosos contratempos (*ibid.*, fol. 75-76).

<90> *Ibid.*, fol. 96.

(91) *Ibid.*, fol. 115: «quem pretender vir a Jerusalem há se de prevenir de fe para crer o que vê de paciencia e boa bolsa».

<92> *Ibid.*, fol. 51.

<93> *Ibid.*, fol. 76.

<94> *Ibid.*, fol. 80; cf. fol. 79.

<95> *Ibid.*, fol. 82.

<96> *Ibid.*, fol. 114.

<97> *Ibid.*, fol. 122.

<98> *Ibid.*, fol. 114.

<99> *Ibid.*, fol. 122.

(100) *Ibid.*, fol. 125.

<101> «Neste dia de paschoa da Ressurreição a tarde 3. de Abril, lembrandosse do Alvaro q não estava cõfirmado, Reçebeo o santo sacram.to da cõfirmação da mão do pe. guardião que lho administrou em pontifical na capella mor do seu cõvento de S. Salvador...» (*ibid.*, fol. 116).

(102) «Não perde tempo em Bagdade, embora se achasse «muy atormentado desua infirmitade cõ o trabalho do caminho, a qual o não largão nunca» (*ibid.*, fol. 75); o que se viria a repetir em Alepo: «Tanto q dô Alvaro chegou a Aleppo aos 12. de Março se resolveo de passar logo a Jerusalem... posto q vinha mto. fraco e apertado de sua infirmitade, cõ os trabalhos e chuivas do caminho, e na çidade se achou pior...» (*ibid.*, fol. 85). Chegado a Jerusalem, «posto q dom Alvaro se achava com muita falta de saude, não deixou de se esforçar pera ir visitar todos os santos lugares que pudesse enquanto se não partia a companhia em q lhe era forçado passar a Tripoli...» (*ibid.*, fol. 116); mas acusou o esforço da romagem à montanha da Judeia onde se comemora o nascimento de João Baptista: recolheram-se «a çidade e ao mosteiro de S. Salvador onde dô Alvaro chegou cõ hua grãde febre q o obrigou a estar o dia seguinte em cama e tomar hua purga q o doutor medico peregrino lhe ordenou» (*ibid.*, fol. 123). Tem de se limitar a dar uma relação dos lugares «que não visitou por falta de tempo e de saude» (*ibid.*, fol. 125).

(103) *Ibidem.*

(104) *Ibidem.*

(105) *Ibid.*, fol. 82, onde dá igualmente nota da duração cronológica,

a o8) *ibidem.*

<107> *Ibid.*, fol. 79.

<108> *Ibid.*, fol. 101.

(109) *Ibid.*, fol. 80.

<110> *Ibid.*, fol. 81.

<111> *Ibid.*, fol. 76.

<¹¹²> *Ibid.*, fol. 78.

<¹¹³> «tiverão grande trabalho em acordar o piloto q hia dormindo sobre a mula... e o piloto não queria que o acordassem ameaçado que se avia de tornar e deixalos...» (*ibid.*, fol. 79).

<¹¹⁴> *Ibid.*, fol. 100.

<¹¹⁵> *Ibid.*, fol. 65.

<¹¹⁶> *Ibid.*, fol. 95-96.

<¹¹⁷> *Ibid.*, fol. 95.

<¹¹⁸> *Ibid.*, fol. 97.

(¹¹⁹) *Ibidem.*

(¹²⁰) *Ibidem.*

<¹²¹> *Ibid.*, fol. 99.

<¹²²> *Ibid.*, fol. 100.

<¹²³> *Ibid.*, fol. 103.

<¹²⁴> *Ibid.*, 94.

<¹²⁵> *Ibid.*, fol. 124.

(¹²⁶) *Ibid.*, fol. 96: «que se chama de Jacob por aquelle Santo patriarcha a mandar fazer quando veio de servir Labão seu tio Irmão de sua mãe Rebeca na Mesopotâmia.»

<¹²⁷> *Ibidem.*

<¹²⁸> *Ibid.*, fol. 98.

<¹²⁹> *Ibid.*, fol. 117.

<¹³⁰> *Ibid.*, fol. 133.

<¹³¹> *Ibid.*, fol. 97.

<¹³²> *Ibid.*, fol. 98.

(¹³³) *ibidem.*

<¹³⁴> *Ibid.*, fol. 99.

(¹³⁵) *Ibid.*, fol. 96, com a devida explicação: «não pode dō Alvaro ver aquella santa çidade por não ter quem la o guiasse, nem o genizaro, e a brevidade com que caminhavão, e o temor dos Arabios o permitiô...»

<¹³⁶> *Ibid.*, fol. 98.

<¹³⁷> *Ibid.*, fol. 101.

<¹³⁸> *Ibid.*, fol. 102.

<¹³⁹> *Ibid.*, fol. 104.

(¹⁴⁰) *ibid.*, cc. 18-19, fol. 102-116: «dentro dos muros... e de grande consolação espiritual» estão a «casa do santo sepulchro a q comum.te se chama casa santa» (102), a «probatica piscina he assi como hū grandissimo tanque vazio e q fica junto ao templo de Salomão» (106), a «casa de S. Ana», o «pretorio de Pilatos», a «casa de Herodes», o

«Ecce homo», a «Rua da amargura, a qual se deve andar e considerar cõ grãde dor de coração», o «lugar do pasmo da Virgem» (107), a «casa da santa Verónica», a «casa de Anas», uma igreja «no proprio lugar onde foi cortada a cabeça ao Apostolo S. Tiago», a «casa de S. Tome», o «santo cenaculo onde o Senhor lavou os pees aos discipulos», o «lugar onde o senhor ressuscitado appareço as tres Marias», «hũ mosteiro principal dos gregos» (108) e «outras igrejas assi delles como das mais nações de christãos» (109).

<¹⁴¹> *Ibid.*, fol. 116.

<¹⁴²> *Ibid.*, fol. 118-120.

<¹⁴³> *Ibid.*, fol. 122-124.

(¹⁴⁴) Não lhe escapou, no entanto, que as muralhas de Jerusalém tinham seis portas (*ibid.*, fol. 103).

<¹⁴⁵> *Ibid.*, fol. 118.

<¹⁴⁶> *Ibid.*, fol. 121

(¹⁴⁷) «Em qualquer parte daquelle rio santificado (Jordão)», *ibid.*, fol. 96; junto ao Tabor e em Samaria (98); na igreja edificada onde S. João Baptista baptizava no Jordão (125), em vários sítios de Jerusalém (104, 107-108).

(¹⁴⁸) Geralmente de sete anos e sete quarentenas: no poço da Samaritana (fol. 100), na capela de Santa Helena, no lugar onde «os milites lançarão sortes sobre a tunica» e no cárcere do Senhor (104), na probática piscina, na casa de S. Ana, na casa de Herodes (107), etc. Em Nairn ganhava-se «particular indulgência» (98) e junto à coluna da coroação de espinhos quarenta anos e sete quarentenas (104).

(¹⁴⁹) Cf. n. 6 *supra*.

<¹⁵⁰> FREI GASPAR DE S. BERNARDINO, *Itinerário da Índia* (n. 6), 17 (Prólogo).

(¹⁵¹) N. de Orta REBELO, *Relação da Jornada que fez... fl. 109v*, em J. Veríssimo SERRÃO, *Un voyageur portugais en Perse au début du XVII^e siècle. Nicolau de Orta Rebelo*, Lisbonne 1972, p. 200.